sas e perplexidades o seu encontro com o discurso da masculinidade A autora busca incansavelmente um determinado modo de ser da subjetividade masculina dando uma enfase especial a dimensão relacional isto e ao contato (e estranhamento) entre a pesquisadora e seus 25 entrevistados Considera que seus principais achados" foram frutos desta interação Trabalhando com suas intuições pessoais a autora analisa o conteudo dos discursos dos *entrevistados e tambem a postura de cada um* deles como por exemplo a ausência de hesitações o fluxo continuo e ininterrupto da fala o uso exaustivo de gesticulações e a utilização intensa de palavrões e girias Atraves da analise do conteudo do discurso dos entrevistados assim como desses outros traços menos evidentes a autora procura demonstrar as contradições existentes no grupo Um dos principais achados de Isabel e que apesar de um discurso moderno permanece o carater extremamente conservador dos homens entrevistados

No plano do conteudo ou seja do discurso visivel e explicito assim como das expressões utilizadas pelos entrevistados ha uma identificação com padrões nitidos de modernidade e liberação Refiro me ao uso quase corriqueiro e indiscriminado de palavrões girias e inumeras metaforas sexuais que pressuporiam atitudes *de informalidade naturalidade e quebra de* inibição ou distância as quais caracterizariam aquele tipo de relação sobretudo com uma mulher De outro lado porem no plano que chamei plano do mecanismo e que corresponderia a uma especie de estrutura menos visivel e aparente dos sujeitos e possivel surpreender a presença de traços arcaicos e quase primitivos da relação dos entrevistados com a dimensão sexual (p 139)

E pena que a autora não explore mais detalhadamente a riqueza do material etnografico que parece meio perdido em meio aos autores e as reflexões sobre a tensão e o conflito entre a sua subjetividade feminina e as de seus entrevistados masculina

O antropologo Luiz Eduardo Soares orientador da tese de Isabel afirma que esse e um livro profundamente autoral" Ele escreve Isabel inventou um novo modo de escrever sobre alguns temas centrais para nossas vidas dos quais sabemos ainda tão pouco Espero que a leitura deste livro estimule muita gente a reescrever o romance de gêneros no Brasil com a liberdade que Isabel se permitiu e quem sabe anime muita gente a se permitir a experiência de viver de outro modo as diferenças (p 12) Com *Masculino/Feminino* tensão insoluvel Maria Isabel Mendes de Almeida derruba o mito da objetividade do pesquisador em ciências sociais e contribui para um campo de reflexão que apenas engatinha em nosso pais

MIRIAN GOLDENBERG ■

A família dos trabalhadores e pobres

A Família como Espelho um estudo sobre a moral dos pobres

SARTI Cynthia Andersen

Campinas Autores Associados 1996 128 p

O trabalho de Cynthia Andersen Sarti[1] inscreve-se antes de tudo na linha daqueles que operam o resgate de uma problematica antropologica[2] no exame das questões relativas aos segmentos que opta por recortar como **pobres** urbanos E ela o faz de varias formas algumas explicitas outras implicitas Adentrar o seu texto por esta via permitira o acesso a algumas das tematicas que articula no seu interior

E possivel por exemplo fazer uma leitura deste tipo de afiliação atraves da seleção das *epigrafes que encimam os capitulos do livro* Assim e que apos abrir a introdução com um excerto extraido do mais antropologico dos tex

[1] Originalmente tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em agosto de 1994

[2] LOPES Jose Sergio Leite Introduçao formas de proletarizaçao historia incorporada e cultura operaria In *Cultura e Identidade Operária* Rio de Janeiro Marco Zero Edufrj 1987 p 12

tos durkheimianos em que o processo de simbolização se coloca como instituinte da propria sociedade[3] a autora invoca Luis da Câmara Cascudo para introduzir quatro dos cinco capitulos que compõem o livro e ainda os comentarios finais Embora uma homenagem mais que merecida esta eleição seria apenas curiosa e inusitada no campo de debates em que se move a autora se a **tradição** não ocupasse um lugar importante na tese como se vera adiante Quebrando a simetria mas não o sentido da escolha o autor nacional cede lugar no capitulo quatro ao proverbio maori citado por Marcel Mauss sintese do principio da reciprocidade E justamente neste principio que pode ser apreendida a argumentação central do livro do qual a propria autora nos oferece um sumario no capitulo tres dedicado a analise da familia como universo moral

A familia como ordem moral fundada num dar receber e retribuir continuos torna se uma referência simbolica fundamental uma linguagem atraves da qual os pobres traduzem o mundo social orientando e atribuindo significado a suas relações dentro e fora de casa (p 63)

É sob este prisma que a tessitura moral que erige a **familia pobre** delimitando seus contornos e refletida nas relações de trabalho (cap 4) e nas relações de vizinhança (cap 5) entre iguais e desiguais

O material empirico proveniente de trabalho etnografico realizado no bairro de São Miguel Paulista zona leste da cidade de São Paulo e elaborado nestes três capitulos (os de numero 3 4 e 5) A ordenação do material reproduz assim o que Duarte[4] denomina o **tripe familia/trabalho/localidade** recorrente nas pesquisas sobre trabalhadores urbanos focos de valores que diversas etnografias têm confirmado O relativo consenso acerca da centralidade destes dominios sociais na bibliografia sobre estes segmentos encobre entretanto profundas dissensões teoricas acerca dos modos pelos quais eles se organizam e se articulam Uma das contribuições do livro e a proposta de pensar sua articulação a partir da familia *locus* da produção de uma moralidade que atualiza de diferentes formas as regras basicas da reciprocidade construindo seres sociais especificos e projetando-se para os outros dominios significativos É ali portanto na rede de **obrigações** que une familiares e parentes que são construidos os laços de sustentação primeira das pessoas e simultaneamente um modelo simbolico de referência que pauta seu comportamento atraves do qual avaliam e se colocam nos diferentes circulos sociais dos quais participam

Para construir esta proposta Sarti realiza alguns importantes movimentos no interior deste campo de debates escapando com sabedoria das tentadoras armadilhas para as quais muitas vezes somos conduzidos por nossa necessaria imersão etnografica Isto implica a dificil empreitada de valorizar a construção do dado e simultaneamente evitar a mera acumulação empirica produzindo mais uma etnografia que se esgota nos seus proprios termos Elidindo esses atalhos a autora posiciona se em relação a uma serie de questões e tematicas que atravessam este campo e se devido as dimensões do livro muitas vezes não se estende como seria desejavel suas posições e sua proposta são costuradas do titulo a ultima linha pela preocupação de resgatar a dimensão simbolica dos fenômenos que toma como objeto

Esta discussão se explicita e se especifica logo no capitulo dois denominado Os Pobres nas Ciências Sociais Brasileiras onde opõe um **paradigma da produção** a um **paradigma da cultura** dispondo e ordenando sua leitura de uma produção que ameaça ja tornar se indomavel tal a multiplicidade de eixos de analise e perspectivas teoricas que orientam a acumulação de trabalhos etnograficos[5] Dispõe se aqui neste capitulo de um bom caminho para esboçar o que a meu ver e a principal contribuição do texto

Os segmentos analisados são recortados como de **trabalhadores e pobres** (o conectivo e enfatizado) a partir da critica ao paradigma da produção norteador principal de grande parte das analises realizadas em especial a partir da decada de 70 Entretanto e mesmo a categoria **pobre** que perpassa todo o texto presente ja no titulo expressando em muitos momentos o

---

[3] Uma sociedade nao pode criar se nem se recriar sem criar ao mesmo tempo alguma coisa de ideal da famosa conclusao d *As Formas Elementares da Vida Religiosa*

[4] DUARTE Luiz Fernando Dias *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas* Rio de Janeiro Jorge Zahar Brasilia CNPq 1986 p 132

[5] A adoçao decerto intencional e refletida desta disposiçao a moda de Sahlins (*Cultura e Razão Pratica* Rio de Janeiro Zahar 1979) autor de uma das mais decisivas leituras do capitalismo como cultura numa perspectiva inequivocamente assumida pela autora e citado em outros pontos do texto e mais um dos signos de filiação do livro que referi no inicio

desacordo com sua percepção atraves das determinações de classe que o termo **trabalhador** incorpora Por exemplo

Os pobres foram erigidos em categoria sociologica como os trabalhadores e o foco voltou se para a razão pratica - reificada e não tomada pela mesma como uma forma de simbolização como apontou Sahlins (1979) - que os levava a (in)satisfação de suas necessidades ( ) Identificados com os trabalhadores os pobres passaram a constituir a classe trabalhadora sendo então definidos fundamentalmente por sua forma de inserção na produção" (p 19)

A abordagem via **pobreza** visa portanto colocar um novo repertorio de questões no interior de um campo que sem nenhuma duvida foi delineado e primordialmente abordado dentro de uma perspectiva marxista Tarefa dificil em especial porque sabemos ter sido o interesse sociologico social e politico sobre a classe trabalhadora que gerou grande parte desta produção nas ciências sociais brasileiras acumulando se material empirico e desdobrando se as questões basicas do materialismo historico As diversas pesquisas feitas neste campo assim recortado por antropologos sociais providos de outras tradições teoricas e munidos com outras questões levou a sua fecundação - expressa por exemplo na emergência de novas tematicas e na busca de maior precisão teorica na delimitação dos conceitos de cultura e ideologia - e decerto a alguns impasses Nos estudos sobre familia operaria por exemplo as analises que a vêem como **unidades de consumo e rendimento** atuando atraves de **estrategias de sobrevivência** representam a mais perfeita enunciação das possibilidades e limites desta abordagem sendo criticadas pela autora como parte do paradigma da produção

Alguns destes impasses tambem vez por outra se expressam na escolha da categoria abrangente selecionada para nomear a unidade sociologica recortada e consequentemente estabelecer as vezes implicitamente os pressupostos de sua articulação ao todo Assim não e de modo algum indiferente falar de classe trabalhadora, classes trabalhadoras classes populares operariado camadas de baixa renda pobres pobres e trabalhadores

Definindo os pobres como *os* destituidos dos instrumentos que na sociedade capitalista conferem poder riqueza e prestigio (p 2 nota 2) torna se necessario tambem construir a relatividade da pobreza (p 23) acrescentando lhe uma dimensão social e simbolica Assim fazendo Sarti traz para o cerne da discussão um outro conjunto de questões não menos complexo em que precisa por exemplo desembaraçar se dos desdobramentos que a teoria da marginalidade apresenta Categoria carregada de conotações exorcizada por muito tempo pela contundência da critica a elaboração de Oscar Lewis encontra uma serie de dificuldades para ser incorporada pelo discurso das ciências sociais Tem sido recentemente eleita por alguns antropologos no Brasil fundamentalmente por ser uma categoria de auto referência retendo enorme potencial significacional e constituindo se numa das importantes dimensões da identidade social que tem na categoria **trabalhador** outra destas dimensões num processo bem dissecado por Zaluar[6] Na perspectiva de Sarti colocar se no mundo como pobre significa inserir se numa totalidade concebida a partir dos valores tradicionais da sociedade brasileira que se expressam em **padrões tradicionais de relações sociais** de modo algum vistos como sobrevivencias de um mundo rural No meio urbano contudo este mundo **tradicional** se enreda constantemente com **valores modernos** atuando ao mesmo tempo neste caso especifico expressando se basicamente em termos do valor individualista da mobilidade social O projeto de **subir na vida** tema frequente registrado nas etnografias e que assume destaque no material elaborado pela autora e compreendido como a leitura que fazem da ordem capitalista cuja realização entretanto e vivida e interpretada dentro dos padrões estabelecidos pela rede de obrigações que constitui a familia Em suma para os pobres não e um projeto para que os **individuos melhorem de vida** mas para que a familia o faça Sob esta perspectiva situam se na confluência de duas logicas e dois sistemas de valores distintos estruturados e tecidos pela sua propria vida

Na ênfase da definição como pobres **e** trabalhadores Sarti propõe o aprofundamento do dialogo entre as categorias ja processadas

---

[6] Um dos livros de Zaluar (*A Maquina e a Revolta* Sao Paulo Brasiliense 1985) constitui se num marco fundamental nesta reflexão na antropologia brasileira Delma Pessanha Neves com quem trabalho num projeto integrado em andamento vem tambem explorando os significados da pobreza no interior de um recorte analitico preciso que nomeou como o **campo institucional da caridade** atraves do qual demonstra a construçao social dos **pobres** na sua relação com as representações que norteiam a atuaçao dos agentes redistribuidores de recursos

nas analises sociologicas - e como tal intervindo tambem no mundo - e as categorias que expres sam as visões de mundo que interessa investigar

"Ao referir se aos trabalhadores pobres as ciências sociais englobaram a categoria po bre na de trabalhador desconsiderando que a auto imagem de pobres e trabalhadores envol- ve um modo particular de se colocar no mundo social Elidindo o conectivo deixou se de ver que o universo do trabalho para os pobres se constitui na articulação e no entrelaçamento dessas duas categorias que mostram que a moral do trabalho se fundamenta em duas refe rências distintas a da logica do trabalho sob o capital que os faz trabalhadores e a de uma logica não capitalista mas hierarquica e tradi cional que os faz pobres (p 87)

Pode se assim adentrar por outra via no texto atraves da ligação agora vislumbrada entre a moral baseada na reciprocidade pro duzida reproduzida e atualizada primordialmen te no interior das relações familiares e de paren tesco dos **pobres e trabalhadores** e uma ordem hierarquica e tradicional produzida historica mente na sociedade brasileira que e exata mente o que os define e localiza como pobres Neste ponto tornam se fundamentais as elabo rações de alguns autores principalmente de Da Matta cuja formulação do que denominou o **dilema brasileiro** e central na argumentação No modo como e aqui retrabalhada tal formula ção dentro do objeto especifico eleito pela autora trata se de compreender os processos atraves dos quais os **destituidos** vivem e dão sentido a sua vida numa sociedade que por um lado faz operar um codigo da modernidade do individu alismo e da igualdade que e diluido por outro lado pela atuação de um codigo hierarquico e tradicional expressado na valorização das rela ções pessoais e configurado nos favores nos jeitinhos no clientelismo na dependência e na interdependência de todas as formas Na moral da reciprocidade caracteristica da **familia pobre** teriamos então como expresso no titulo dos curtos comentarios finais o **Brasil como ele e**

"Ter a família como referência simbolica significa privilegiar a ordem moral sobre a ordem legal a palavra empenhada sobre o contrato escrito o costume sobre a lei o codigo de honra sobre as exigências universais de cidadania julgando e avaliando o mundo social com base em criterios pessoais dos quais decorre a dificul dade de estabelecer criterios morais univer salistas (p 111)

Em que pese a necessidade de discutir mais adequadamente o amplo quadro teorico em que Sarti se coloca tarefa impossivel de realizar nos limites de uma resenha espero ter tornado evidente a importância de sua contri buição A partir do que poderiamos chamar o **abrasileiramento** de uma das tematicas mais produtivas da antropologia atual que opera com a oposição basica entre **valores tradicio nais** e **valores modernos** intensamente explora da por exemplo por autores como Dumont a rede familiar e de parentesco que sustenta e constroi os trabalhadores **e** pobres e erigida como locus de processamento e apropriação de valores que lhe são impostos sustentando sua visão de mundo e seu ser transformando se como diz a autora numa "questão ontologica para os pobres (p 33) Estou segura de estar diante de um texto que se transformara a partir de agora numa das referências obrigatorias de todos os que recortam seus objetos no mesmo campo de debates

SIMONI LAHUD GUEDES ■

Acomodação e mesmice do livro didático

Igualdade na Escola preconceitos sexuais na educação

TOSCANO Moema

Rio de Janeiro CEDIM 1995

Nas ultimas duas decadas intensificaram se os estudos e as pesquisas sobre o livro didatico no Brasil particularmente na Região Sudeste com destaque para o eixo Rio São Paulo onde se concentra a maior fração desse acervo de conhecimento Duas grandes categorias de analises são habitualmente empreendidas pe